

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	13
VAMOS A ISSO?.....	17
PRIMAVERA.....	39
Duas almofadas às riscas.....	41
Bolo de natas.....	43
Armário do enxoval.....	44
Flores cristalizadas.....	47
Canteiro aromático num canto da cozinha.....	50
Toalhas de mão nas janelas.....	53
Herbário na parede.....	55
Saco para a roupa suja.....	56
Toucador.....	59
Estampagem com folhas.....	60
Arranjos de flores primaveris.....	63



VERÃO	65
Clutch com borla.....	67
Pão caseiro.....	73
Bancos de cozinha.....	74
Almofadinhas de alfazema.....	79
Compotas e geleias.....	80
Ideias para as conchas da praia.....	84
Sardinheiras dentro de casa.....	86
Queques da minha bisavó.....	89
Envelopes feitos à mão.....	91
Quadros para a cozinha.....	93
Almofada de praia.....	94
Argolas de canela.....	97
Flores de verão.....	99
OUTONO	101
Cabeceira de cama.....	103
Livros forrados à antiga.....	105
Bolo de laranja.....	109
Cestos de retalhos.....	110
Marmelada.....	115
Manta de piquenique.....	117
Candeeiro reciclado.....	123



Transformar um <i>blazer</i>	124
Russos.....	128
Caixa de madeira forrada.....	129
Outono dentro de casa.....	132
INVERNO.....	134
Decorações de Natal naturais.....	137
Coroa de Natal.....	139
Ramos de Natal.....	141
Enfeites de Natal.....	143
Algumas ideias para embrulhos.....	147
Cartões de Natal com retalhos.....	149
Portugal em hexágonos.....	151
Puxadores fita métrica.....	155
Tapete de brincadeiras.....	157
Mousse de chocolate em chávenas.....	164
Touca de banho.....	165
Arranjos de inverno.....	170
CONCLUSÃO.....	175
AGRADECIMENTOS.....	177



INTRODUÇÃO

ESTE LIVRO É SOBRE CRIATIVIDADE, GRATIFICAÇÃO E INDEPENDÊNCIA.

SOBRE SABERES ANTIGOS ADAPTADOS À VIDA PRESENTE.

SOBRE DESCOBERTA E IMAGINAÇÃO.

ESTE LIVRO É SOBRE COISAS FEITAS À MÃO.

Num mundo fortemente industrializado, massificado e globalizado, fazer à mão é um gesto de afirmação. Todos nós somos seres únicos, originais e irrepetíveis — e, mais importante ainda, capazes de *fazer* com as nossas próprias mãos. *Fazer* permite-nos criar objetos personalizados, assim como desligar a cabeça das preocupações do dia a dia, desfrutando do processo e aprendendo pelo caminho. *Fazer* permite-nos também criar e recriar memórias de cheiros, sabores e sensações. *Feito à mão* implica feito à medida, com tempo e muito sentimento.

UMA QUESTÃO DE ESCOLHA

O encanto dos labores de hoje em dia é que ninguém é obrigado a praticá-los. A nossa sobrevivência já não depende da nossa capacidade de coser, tricotar e cozinhar, e, felizmente, já não somos julgadas de acordo com a nossa mestria nessas áreas. Nos dias que correm, as atividades domésticas são uma escolha. E isso liberta-nos e permite-nos praticá-las e apreciá-las de uma maneira muito mais descontraída.

Em função da nossa disponibilidade e vontade, podemos escolher fazer um pouco, muito ou até tudo. O importante é experimentar, sem grandes hesitações nem receios. Uma pessoa disposta a fazer é uma pessoa com poder. Quando fazemos as nossas próprias coisas, deixamos de ficar tão dependentes daquilo que está disponível nas lojas em determinado momento. Não há limites àquilo que a nossa criatividade pode produzir.



PASSADO E PRESENTE

Fazer à mão é também a possibilidade de dar continuidade a tradições e objetos do passado. Deixar morrer competências que são tantas vezes encaradas como intrinsecamente femininas, ao mesmo tempo práticas e estéticas, seria uma perda enorme.

Por outro lado, há tanta coisa antiga a encher garagens, armários e gavetas que merece ser reutilizada! Lençóis demasiado curtos para as camas contemporâneas, chávenas desirmanadas, móveis antiquados... por vezes basta modificar-lhes a função, fazer-lhes umas costuras ou dar-lhes uma demão de tinta para que voltem a ser úteis. E ninguém vai ter igual!

FAZER MAIS, COMPRAR MENOS

Quando começamos a fazer à mão, apercebemo-nos daquilo que está por trás das coisas que já aparecem feitas. Os produtos feitos em massa passam a ser vistos com outros olhos: a falta de qualidade dos materiais e acabamentos salta à vista e damos por nós a pensar nos seres humanos que os produziram. Os preços demasiado baixos fazem-nos desconfiar das condições sub-humanas das fábricas. E também acontece o oposto: passamos a dar muito mais valor a objetos únicos e compreendemos as razões pelas quais os preços têm necessariamente de ser mais elevados. Passamos a consumir de forma mais consciente e a comprar menos, mas melhor.

SAZONALIDADE

Viver ao ritmo das estações do ano torna a vida muito mais especial. A antecipação daquilo que está para vir mistura-se com recordações de anos passados, o que confere uma certa urgência em tirar o maior partido do presente. Cada estação está carregada de memórias coletivas e pessoais. O aparecimento dos primeiros morangos e das primeiras cerejas na primavera, os dias de praia no verão, o sabor da marmelada e das castanhas no outono e o cheiro a Natal nos dias frios... não é isto que torna a vida mágica? Passear pelo campo em abril e ver tudo coberto de flores silvestres, o cheiro doce das figueiras em setembro, calçar umas galochas em novembro — viver os dias do ano com os sentidos bem despertos traz muita alegria ao nosso dia a dia, que tantas vezes encaramos como monótono e cinzento.



NÓS SOMOS CAPAZES!

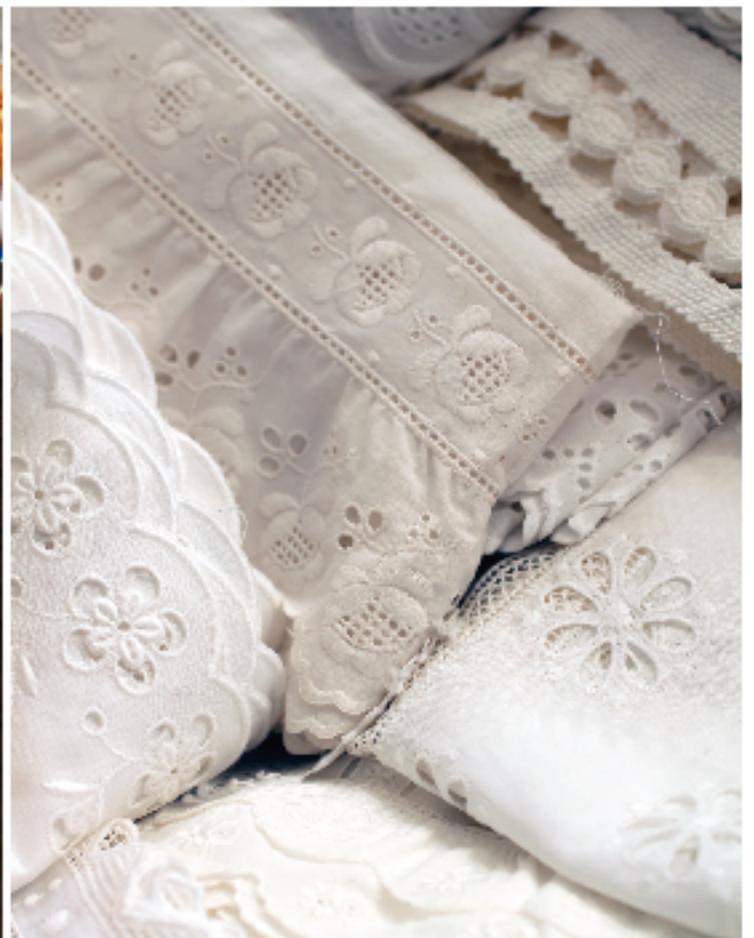
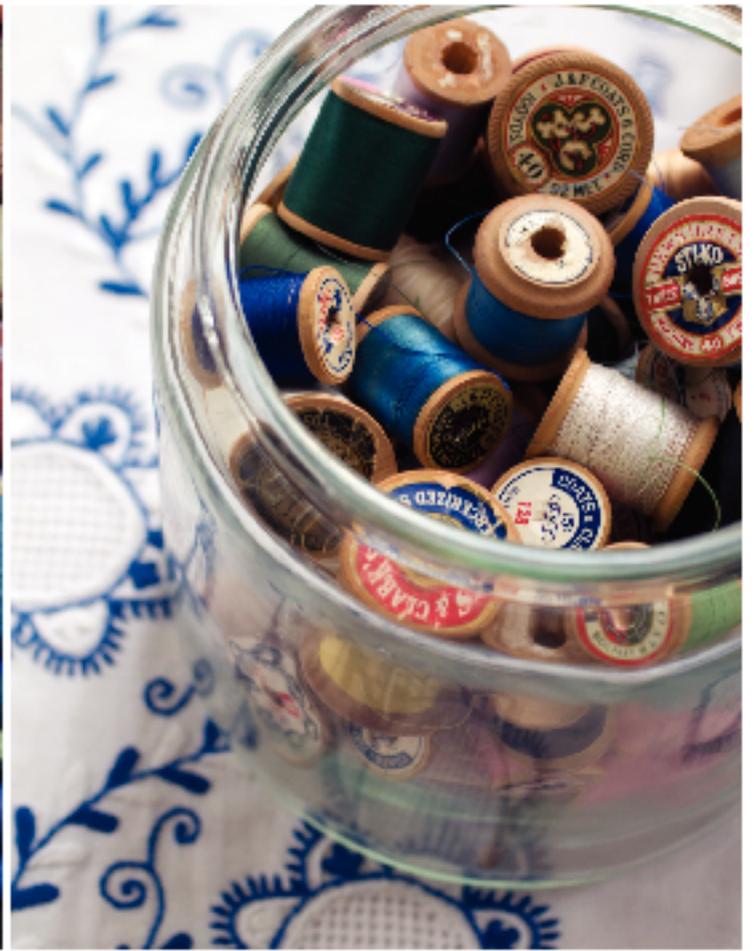
Estou plenamente convencida de que toda a gente será capaz de levar a cabo as sugestões que apresento neste livro. Aquela ideia de que certas pessoas «não têm jeito de mãos» não poderia estar mais longe da verdade — geralmente o que acontece é que essas pessoas ou nunca viram fazer, ou nunca tiveram a oportunidade de tentar fazer, ou apenas não têm vontade de fazer. As duas primeiras situações são ultrapassáveis... quanto à última, ninguém é obrigado a interessar-se por isto! Eu, por exemplo, não tenho qualquer vontade de me tornar especialista em carros de corrida... O que quero dizer com isto é que o ideal da «menina prendada» está ultrapassado. Desde que uma pessoa tenha acesso a materiais de qualidade, dedique algum tempo à atividade em questão e se empenhe, os resultados serão seguramente bons.

Outro mito que eu gostaria de ajudar a desfazer é aquele de que é preciso ter muito tempo livre para conseguir fazer estas coisas. Um bolo prepara-se em menos de uma hora; pode coser-se à mão à noite enquanto se vê um filme e uma manhã de sábado chega para ir apanhar flores e fazer uns arranjos. E que tal convidar uma amiga para almoçar e depois dedicar a tarde a forrar a cabeceira de uma cama? Há certos projetos que demorarão mais tempo, é certo, mas a graça disto também passa por ir fazendo — nem tudo na vida tem de ser imediato.

MÃOS À OBRA!

Viver com calma e apreciar as coisas simples da vida, andar pela rua com os olhos abertos, estar em contacto com a natureza, reciclar objetos, dar um cunho pessoal às nossas casas, experimentar coisas novas e não ter medo de falhar... espero, com este livro, conseguir fazer passar todas estas ideias e inspirar-vos a deitar mãos à obra!





VAMOS A ISSO?

Este livro versa sobre *costura, culinária, flores, jardinagem, decoração* e outros *assuntos domésticos* que tais. Os projetos aparecem organizados por estações do ano e tanto podem ser seguidos à risca, como usados apenas como ponto de partida para interpretações personalizadas. Quando decidimos começar um projeto, é natural que queiramos obter resultados impecáveis, mas não esqueçamos que também é muito importante tirarmos prazer de todo o processo!

Para que tal aconteça, há alguns aspetos a ter em conta: o primeiro é o de que a pressa não costuma ser boa conselheira... depois, que a qualidade dos materiais usados tende a ser diretamente proporcional à qualidade do produto final — assim como boa manteiga e bom chocolate fazem bons bolos, um tecido e um carrinho de linhas apropriados são os candidatos ideais a um projeto de costura bem-sucedido. Por outro lado, o acesso a boas ferramentas torna todo o processo mais fácil: no caso dos bolos, é preferível usar uma batedeira potente do que uma colher de pau, enquanto uma tesoura bem afiada e uma máquina de costura a funcionar na perfeição evitarão o uso frequente do descosedor.

Acredito que, no que toca a materiais e ferramentas, compensa investir em produtos com qualidade e que mais vale escolher peças melhores, e comprá-las em menor quantidade, mas só uma vez na vida, do que optar por algo de segunda categoria que se estraga ao fim de duas ou três utilizações. Porém, isto não significa que tenhamos de escolher sempre as coisas mais caras — compensará, sim, fazer um pouco de pesquisa antes de avançar com uma compra: pedir conselho aos especialistas, ler críticas na Internet e procurar oportunidades em segunda mão.

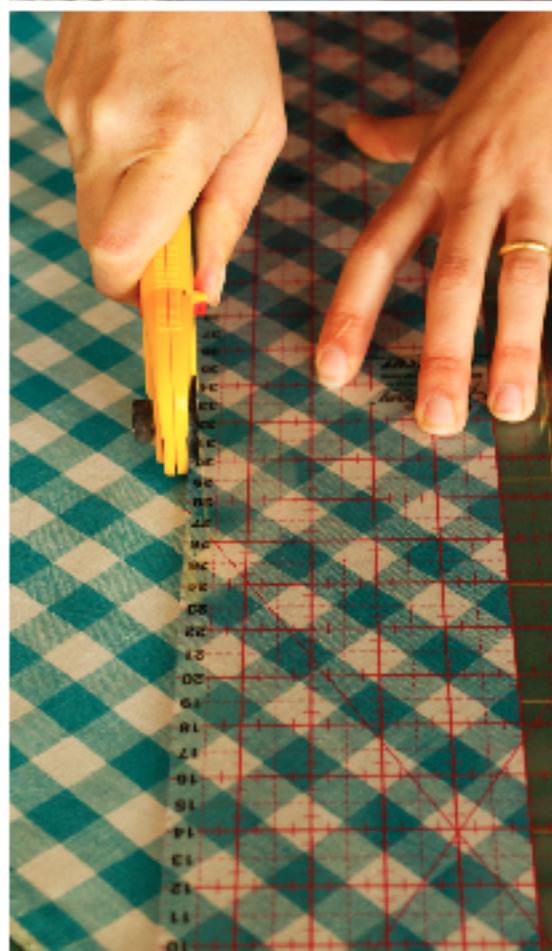
Posto isto, quero apenas acrescentar que este livro não é sobre perfeccionismo! Há espaço de sobra para improvisar e explorar novos campos, inventar atalhos e adaptar as ideias aos nossos próprios gostos e necessidades. *Vamos a isso?*





COSTURA

Agulhas e linhas, tecidos e alfinetes, régua e fitas métricas, máquinas de costura e ferros de engomar... quem se inicia no mundo da costura poderá sentir-se baralhado com tantas ferramentas. Que tamanho escolher? Que marca comprar? Para começar, há que aferir aquilo que já existe à nossa volta. Em quase todas as casas há uma lata com botões desirmanados, uns quantos carrinhos de linhas e uma ou outra agulha, assim como restos de tecidos, nem que sejam roupas que já não servem mas que poderão vir a ser aproveitadas. Depois há as tias, avós e conhecidas, que muitas vezes têm uma máquina de costura guardada no fundo de um armário, já para não falar em caixas de costura antigas recheadas de tesouros. E, felizmente, há um mundo de retrosarias tradicionais e lojas de tecidos acabadas de abrir: sítios com funcionários que percebem de costura e que terão certamente muito gosto em ajudar um principiante nestas artes.



TECIDOS

Quer sejam comprados a metro ou aproveitados de peças antigas (as almofadas da pág. 41 eram os cortinados da minha casa de jantar em Inglaterra, os saquinhos de alfazema da pág. 79 foram feitos com lençóis dos meus avós, a manta de piquenique da pág. 117 não é mais do que o aproveitamento de saias fora de moda, e o tapete de brincadeiras da pág. 157 foi todo feito com camisas do meu pai), eis alguns dos critérios pelos quais me reajo no que toca a panos:

Fibras naturais

Prefiro algodão, linho ou lã em detrimento de fibras sintéticas. As fibras naturais têm um toque mais agradável, deixam o corpo respirar e envelhecem melhor.

Tipos de tecido

Quando se escolhe um tecido, deve ter-se em conta a função à qual se destina. Uma colcha para um bebé pede tecidos de algodão, macios e fáceis de lavar, enquanto para fazer uma touca de banho ou forrar o tampo de um banco o ideal é usar um tecido laminado ou um oleado.

Pré-lavagem

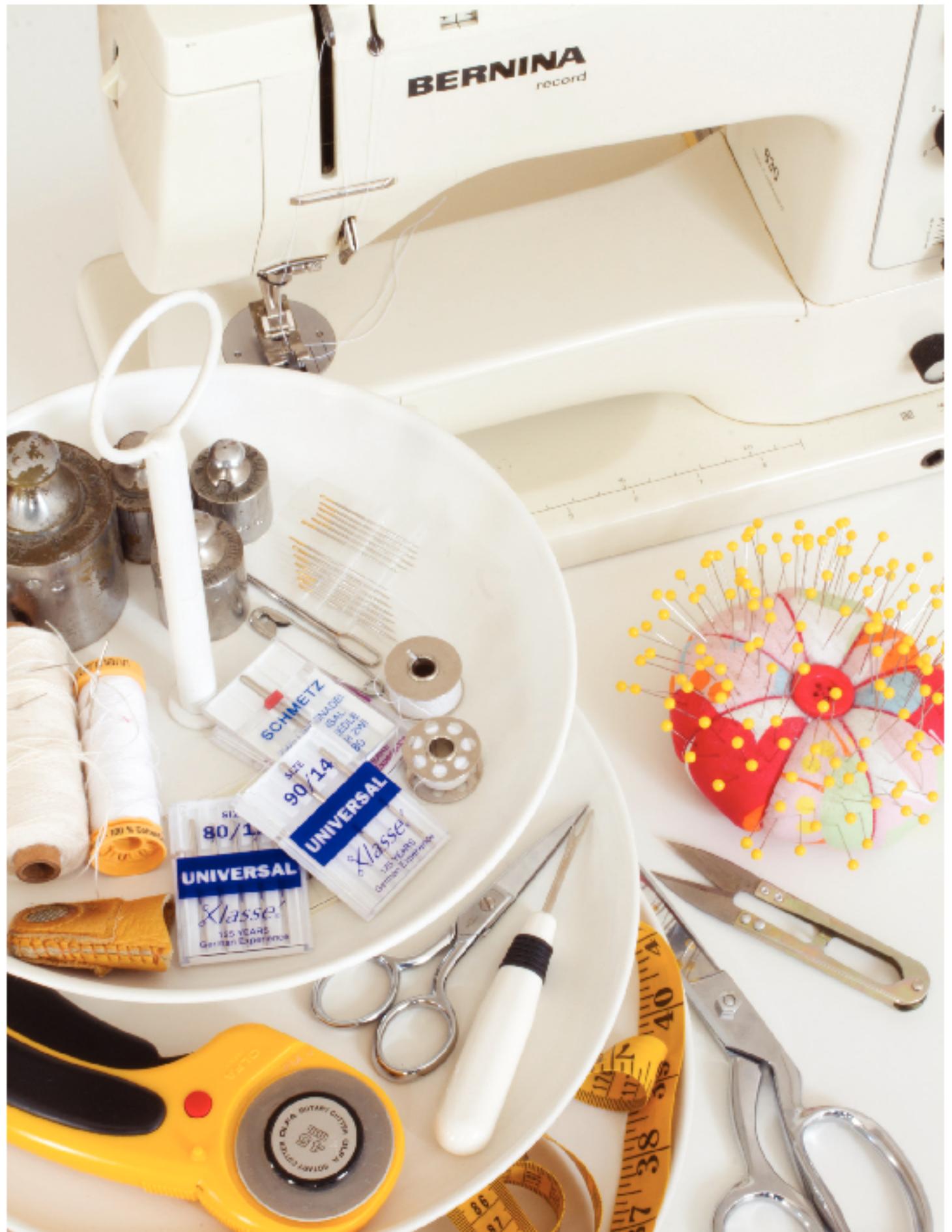
Pré-lavar os tecidos apresenta muitas vantagens — as fibras naturais encolhem sempre um pouco, por isso convém que encolham antes de serem transformadas em peças novas; por outro lado, quando os tecidos vêm das fábricas ainda contêm resíduos de tintas e outros químicos, e uma simples lavagem elimina tudo isso; alguns tecidos, sobretudo os mais antigos, têm tendência para desbotar, pelo que o melhor é fazer um teste antes de os misturar na máquina com outras peças ou usar uma daquelas folhas que atraem a tinta.

FERRAMENTAS E RETROSARIA

Máquina de costura

Uma máquina de costura básica e robusta é mais do que suficiente para os projetos que proponho neste livro. Não é preciso gastar rios de dinheiro numa máquina computadorizada, com dezenas de pontos diferentes e acessórios extravagantes... claro que essas máquinas são apetecíveis, mas não fazem sentido para um principiante. Acredito que mais vale investir numa excelente máquina de costura em segunda mão: dos anos 60/70/80 (de preferência, o modelo topo de gama na época), de metal e com motor, que cosa a direito e em ziguezague e que tenha a





possibilidade de coser em reverso. Uma máquina antiga de metal cose tudo, resiste a tudo e a relação qualidade/preço é imbatível... acreditem em mim — tenho uma *Bermina Record 830* (de final dos anos 70) e não quero outra coisa!

Agulhas e pés calcadores

Há uma panóplia de tipos de pés calcadores diferentes, sendo que alguns acompanham a máquina no momento da compra e outros são considerados acessórios e têm de ser adquiridos posteriormente. Aqueles que uso frequentemente são o pé para ziguezague (o pé normal, com abertura suficiente para o ponto ziguezague), o pé para instalar fechos *éclair*, o pé para *patchwork* ($\frac{1}{4}$ de polegada) e o *walking foot* (o pé de duplo arrasto, muito útil para acolchoar e para coser tecidos com alguma maleabilidade, como malhas, lãs e oleados).

Nem todas as agulhas para máquinas são iguais: há agulhas de ponta afiada ou ponta redonda (sendo que as últimas são próprias para malhas) e com grossuras diferentes (70 para cambraias e sedas, 80 para algodões correntes e linho, 90 para lonas e oleados, 100 para gangas). É fundamental mudá-las com frequência — muitas vezes os pontos começam a falhar não porque a máquina esteja avariada, mas sim porque a agulha ficou romba.

Instrumentos de corte

Os instrumentos de corte que considero mais úteis são os seguintes: uma tesoura de alfaiate (só para tecidos!), uma tesoura pequena de pontas afiadas (para aparar os cantos, as margens de costura e cortar objetos mais pequenos), um corta-fios, uma tesoura em ziguezague (para usar como alternativa a chulear as costuras ou para cortar margens decorativas em feltro), um cortador giratório e respetiva base de corte (o cortador parece um cortador de pizzas para tecido: extremamente afiado, há que substituir as lâminas quando começam a cortar mal), uma tesoura reservada para papel e um bom descosedor (também conhecido como abre-casas).

Outras ferramentas úteis

Para fazer medições, convém ter uma fita métrica mole, uma bitola de bainhas e, no caso de ter comprado um cortador giratório e uma base de corte, réguas acrílicas para *patchwork*. Para coser à mão, agulhas de diferentes grossuras e comprimentos e um dedal (eu gosto de dedais de pele). E não esqueçamos as linhas de boa qualidade, os alfinetes, fechos e botões, um pauzinho de madeira ou uma agulha de croché para ajudar a virar cantos, marcadores como lápis de giz ou canetas de tinta solúvel em água, entretela termocolante ou lona de algodão, enchimento para mantas (o recheio dos *quilts*, também conhecido por *battin* ou *wadding*) e um ferro de engomar, sendo que este último é absolutamente vital à obtenção de peças com aspeto profissional.

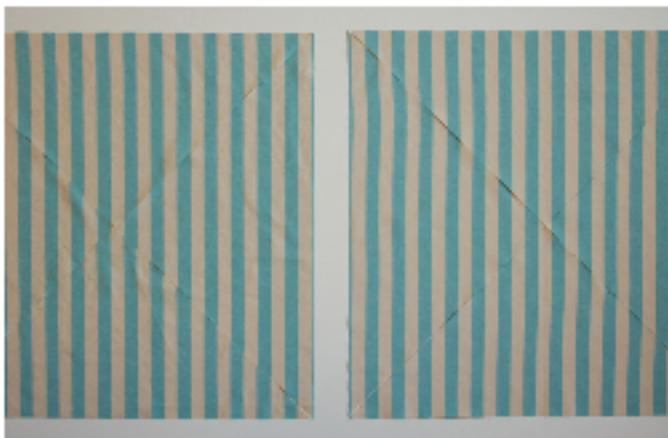


DUAS ALMOFADAS ÀS RISCAS

Todas as casas precisam de umas quantas almofadas, mas por vezes é difícil encontrá-las nos padrões e cores que idealizamos. Felizmente, é simples e rápido fazê-las em casa. Estas almofadas são a prova de que um tecido às riscas é bastante mais versátil do que parece à partida!

1. Para fazer as partes da frente das capas:

Cortar dois quadrados de tecido com 64 x 64 cm. Cortar cada quadrado pelas diagonais. Cada almofada ficará com quatro triângulos: dois com riscas na vertical e dois com riscas na horizontal.



Juntar os quatro triângulos com riscas na vertical e os quatro triângulos com riscas na horizontal.



Materiais (para duas capas de almofadas de 60 x 60 cm)

- 2 m de tecido às riscas
- máquina de costura
- linha
- walking foot (opcional)
- tesoura
- cortador giratório e base de corte (opcional)
- régua acrílica para patchwork (opcional)
- lápiz/caneta de tinta solúvel em água
- ferro de engomar
- alfinetes
- fita métrica

Juntar os triângulos dois a dois, direito com direito, alinhando cuidadosamente as riscas e prendendo os lados com alfinetes (convém usar bastantes, pelo menos um em cada riscas). Coser a 1 cm da borda (o *walking foot* ajuda a que as riscas se mantenham alinhadas, mas não é essencial).

Engomar as costuras tal como foram cosidas e depois abri-las com o ferro.

Repetir o procedimento com os restantes triângulos, de forma a ficar com dois quadrados totalmente cosidos.

2. Para fazer as partes de trás:

Cortar quatro retângulos de 45 x 60 cm. Fazer uma bainha no lado mais comprido de cada retângulo: dobrar o tecido 1 cm para o avesso e vincar com o ferro. Voltar a dobrar 1,5 cm e vincar. Pespontar junto à borda (estas medidas são aproximadas... pode ser mais fácil usar as riscas como guia).

3. Para completar as capas das almofadas:

Colocar as duas partes de trás sobrepostas em cima da parte da frente, direito com direito, alinhando bem as bordas. Prender com alfinetes e coser a toda a volta a 1 cm das bordas, reforçando as costuras por cima das abas.

Aparar os cantos. Chulear a toda a volta. Engomar as costuras tal como foram cosidas. Virar para o direito e engomar.

